

Para credores, relações começaram a melhorar

REGIS NESTROVSKI
Correspondente

NOVA YORK — O Comitê de Assessoramento dos Bancos Credores da dívida brasileira, presidido por William Rhodes, divulgou ontem um comunicado referente ao pagamento de US\$ 350 milhões que o Brasil fará amanhã, no qual afirma que a decisão "é um exemplo da melhoria de relações entre o Brasil e seus bancos comerciais credores".

Segundo o comunicado, Fernando Milliet, Presidente do Banco Central, disse que "o Governo brasileiro planeja novos desembolsos de juros devidos em 1988, à medida que progredirem as negociações para um acordo de médio prazo". Diz o Comitê que ambos os lados demonstraram o desejo de chegar a um acordo de médio prazo o mais rápido possível. "O pagamento de amanhã, que será feito com recursos reservas brasileiras, cobrirá principalmente juros devidos pelo País no último dia 15 de janeiro."

Fernando Milliet não quis admitir que o pagamento seja a conclusão das negociações para um acordo de médio prazo:

— Isso não é a conclusão. Estamos na quarta semana de nego-

ciações e estamos tendo progressos. Isso não representa nem um acordo provisório. O Brasil está efetuando um pagamento dentro de suas possibilidades, para dar um avanço nas negociações, no sentido de concluir um acordo de médio prazo no menor prazo possível.

Segundo o Presidente do Banco Central, o Brasil só vai suspender suspender definitivamente a moratória quando tiver um acordo de médio prazo com os bancos credores. "Isso é apenas um sinal de boa vontade por parte do Brasil, para a continuação das negociações".

Os banqueiros mostravam-se satisfeitos e já arriscam uma previsão para a conclusão do acordo de médio prazo, que envolveria apenas 1988: duas semanas.

— Houve muita negociação através do Tesouro americano, que pressionou ambas as partes para um acordo. Foi feita muita negociação, por fora, apenas entre o Citibank e o Brasil. Este pagamento parcial dos juros de janeiro já ajuda, mesmo estando o restante dos juros para janeiro e o resto do ano em aberto, ainda na questão de quem paga. É um forte sinal de normalização da relação entre o Brasil e a comunidade bancária — disse uma alta fonte dos bancos credores.